

Tédio e inautenticidade nos dias atuais: uma análise psicanalítica e social

Boredom and inauthenticity in the present day: a psychoanalytic and social analysis

Aline Vilarinho Montezi¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir a questão do tédio, levando em consideração que a sociedade contemporânea, marcada pela exploração desumana do trabalho, supressão da subjetividade e autenticidade, vazio, falta de referências e fragilidade dos vínculos tem produzido aquilo que denominamos como “patologias do vazio”. Para tal, foi utilizada uma vinheta clínica na qual foi narrado um caso em que o tédio, dentre outras manifestações, se apresentava constantemente e, logo após, foram tecidas considerações à luz da teoria histórico-cultural e da Psicanálise. Concluiu-se que o tédio adquire caráter ambivalente tanto por se constituir enquanto uma defesa que, ao se manifestar, comunica o movimento da busca de si mesmo, como por denunciar o sofrimento das pessoas por viverem em um cotidiano empobrecido, mecanizado, preenchido por tarefas a cumprir e estímulos. Debruçar-se sobre o tema é imprescindível, não só do ponto de vista social, mas também para a clínica que, muitas vezes enfrenta os limites de sofrimentos tão complexos demandando uma postura flexível do terapeuta.

Palavras-chave: Tédio. Sociedade contemporânea. Psicanálise, patologias do vazio

Abstract

This paper aims to discuss the issue of boredom, taking in account that the contemporary society, marked by inhuman exploitation of work, suppression of subjectivity and authenticity, emptiness, lack of references and bond weaknesses, have produced what we define as “pathologies of the emptiness”. To approach this issue, the author conducted a clinical vignette in which was narrated a case that boredom, among other manifestations, presented constantly and, right after, reflections were woven in the light of historical cultural theory and psychoanalysis was concluded that boredom acquires an ambivalent character both as a defense that, when it manifests itself, communicates the movement of the search for oneself, and denounces the suffering of the people by living in an impoverished, mechanized daily life, filled with tasks and stimuli. It is indispensable to evolve this theme, through not only the social perspective but also the clinical, which faces intricate suffering boundaries in many occasions, demanding a flexible conduction by the psychologist.

Keywords: Boredom. Contemporary society. Psychoanalysis, pathologies of the emptiness.

¹ Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. E-mail: alinemontezi@hotmail.com

Contextualizando o Tédio

A questão do tédio tem sido amplamente discutida, por diversos profissionais, principalmente por aqueles implicados com as questões humanas em geral, tais como psicólogos, filósofos, antropólogos e outros. Constatou-se, desde a perspectiva da psicologia clínica, o aumento da demanda de pacientes que buscam acompanhamento psicológico sem muita clareza do motivo pelo qual o fazem, mas que, em um primeiro contato, parecem desvitalizados. Ao longo do processo terapêutico, percebe-se que tal impressão possui raízes mais profundas, uma vez que esses pacientes se revelam com pouca energia, sem contato com a própria subjetividade e entediados.

Tais observações impulsionam a busca de maiores reflexões, pois detecta-se o entrelaçamento do tédio com diversos sintomas, como a depressão, compulsão, violência, e os impactos disso na vida das pessoas. Nos pacientes com essas manifestações, quando engajados no processo analítico, é possível identificar que, assim como na vida, permanecem paralisados, com dificuldades de encontrar alternativas e presos a impasses que ultrapassam os limites do que denominamos de “resistência”, exigindo, dessa forma, a adequação do manejo clínico. Na vida pessoal, assim como nas relações sociais, observa-se um cotidiano empobrecido, limitado ao cumprimento de tarefas, vazias de significado, e fragilidade na sustentação dos vínculos.

Diante dessas considerações, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre o tema e foi possível verificar o aumento de interesse da comunidade científica pela questão. Ao consultar a base “Academic Search Premier”, bem conceituada entre os pesquisadores acadêmicos e conhecida por disponibilizar, de forma gratuita, produções científicas internacionais reconhecidas, obteve-se um total de 1.636 artigos sobre o tema nos últimos dez anos.

Paralelamente, chama-se a atenção do leitor para o fato de que o tédio também tem sido vastamente discutido entre os pesquisadores brasileiros, uma vez que ao consultar a base aberta “SciELO”, retornaram 1.660 estudos nos últimos cinco anos, realizados por pessoas das áreas de Medicina, Educação, Filosofia e Psicologia. Detectou-se uma tendência a relacionar o assunto a problemáticas alarmantes, tais como o tédio enquanto circunstância potencializadora de suicídio na velhice (MINAYO; TEIXEIRA; MARTINS, 2016), a relação com o tempo e a sensação de tédio na passagem da adolescência contemporânea (GURSKI; PEREIRA, 2016), o tédio e a tendência às compulsões (FEIJOO; DHEIN, 2014), o tédio, o vazio e violência no contexto escolar (BONAMIGO et al., 2014), questões alimentares, emoções e o tédio vivenciado (KAUFMAN, 2013). A maioria dos estudos, além de chamarem atenção para as questões explicitadas, discutem a vivência do tédio enquanto potencializadora de dificuldades e mal-estar.

Em uma consulta mais específica da produção científica da área da Psicologia sobre o tédio, foram encontrados 10 artigos na base “PePSIC”. Dentre as produções, verificou-se que duas delas relacionaram o tédio com o tempo, trabalho e um esvaziamento de significados devido à demanda da produção técnica na pós-modernidade, tanto na perspectiva social (FUKUMITSU, et al., 2012), como na fenomenológico-existencial (FEIJOO, 2011). No que se refere à clínica, foi possível observar que o tédio pode ser uma consequência frente à impossibilidade de atribuir sentido à realidade e simbolizar experiências emocionais (MINERBO, 2013), frequentemente presente nos adolescentes (CÉSAR, 2015; RAMOS, 2006), bem como um sinal de alerta para uma vida engessada e necessitada de autenticidade (FEIJOO; PROTASIO, 2010). E, por último, identificou-se algumas produções com um viés mais filosófico, que se debruçaram sobre o tédio como uma dificuldade existencial, marcada por uma

vida repleta de excessos (BENITO JUNIOR, 2013; JOSGRILBERG, 2007), que não permite o desfrute do ócio de forma positiva, como por exemplo os aposentados (CABEZA, 2009) e as pessoas do contexto acadêmico (DUTRA, 2012).

A partir desse exame bibliográfico, constata-se que, devido à complexidade envolvida na questão do tédio, defini-lo torna-se uma tarefa quase impossível, mas considerá-lo sob perspectivas como a filosófica, sociológica, psicológica e histórica auxilia a compreender melhor. Em um primeiro momento, optou-se por recorrer ao filósofo Walter Benjamin que, dentre várias contribuições para reflexões sobre a contemporaneidade, debruçou-se sobre o tema da melancolia e ao localizar neste estado emocional a presença do tédio, concluiu que este, enquanto epidemia da sociedade moderna eclodiu em meados do século XIX:

O tédio começou nos anos quarenta [1840] a propagar-se como epidemia. Diz-se que Lamartine foi o primeiro a dar expressão a este mal. Teve o seu papel numa pequena historieta, na qual trata do conhecido cômico Deburau. Um ilustre neurologista parisiense foi consultado certo dia por um paciente que lhe apareceu pela primeira vez. O paciente lamentou padecer de uma doença da época: falta de vontade de viver, depressão profunda, tédio. “Mas o senhor não tem nada, - disse-lhe o médico depois de uma consulta cuidadosa – deve apenas relaxar, fazer algo para distrair-se. Vá uma noite dessas assistir Deburau e a vida lhe aparecerá de súbito inteiramente diversa. “Ah! Meu caro senhor, eu sou Deburau”. (BENJAMIN, 2009, p. 37).

A nova configuração da Revolução Industrial, segundo Benjamin, transformou as cidades em metrópoles, proporcionou um novo contato com a multidão, maior velocidade dos meios de transporte, o crescimento das massas, de modo que modificaram a estrutura psíquica dos sujeitos e adicionaram ao seu cotidiano a vivência de “choque” constante. Assim, o tédio adquiriria tanto o caráter de um

elemento componente da melancolia, desde sempre, como o de um sentimento constante e agudo das pessoas a partir das mudanças da era capitalista.

Nesta linha, um autor que contribuiu significativamente a respeito do tema foi o filósofo norueguês Lars Svendsen (2006), em cujo livro “Filosofia do Tédio” realizou um estudo mais aprofundado e concluiu que, desde a Grécia antiga, fazia-se menção a um estado de desintegração, caracterizado por estupor, falta de participação e uma espécie de cansaço da vida. Tal circunstância, a qual ele denominou de “condição situacional”, é vivenciada desde sempre pela humanidade, e hoje podemos identificá-la em momentos pontuais, tais como uma aula, conversa, situações consideradas desinteressantes, ou seja, seria uma sensação como outras que temos.

A partir do Romantismo e do surgimento do sistema capitalista, pode-se dizer que o tédio se diferenciou da forma “situacional”, e tornou-se uma questão que Svendsen (2006) denominou de “existencial”, a qual exerce importante influência no humor, na subjetividade e na relação estabelecida com o mundo. Ou seja, trata-se de transformações relevantes na vida contemporânea que repercutem direta e intensamente na constituição dos indivíduos, de modo que o tédio, vivenciado tal como o autor definiu, é um importante efeito sintomático dessas transformações.

Os sociólogos e filósofos Adorno e Horkheimer (1985), frequentemente utilizados pela perspectiva sociocultural, compreendem que os principais mediadores das relações na sociedade capitalista seriam, tal como definiu Marx, a predominância do valor de equivalência e o fetichismo. Ambos termos dizem respeito à modificação do caráter das mercadorias produzidas, que ao se tornarem fetiches, ocultam as relações sociais que, de fato, as produzem. Assim, aquilo que é feito não é mais considerado pela utilidade social, mas, sim, pela equivalência entre as mercadorias e a possibilidade de intercâmbio entre elas.

Essa inversão de valores repercute, diretamente, sobre as seguintes esferas: a cultura é convertida em semicultura; o trabalho, ao invés de proporcionar formas de contribuição para a sociedade e renda, tornou-se uma forma de definhamento psíquico e corporal; e o tempo livre é uma condição praticamente paródica de si próprio. Assim, uma sociedade que adquire o caráter estacionário, onde qualquer sinal de espontaneidade e originalidade seja interpretado como desviante, cria um terreno fértil para a vivência constante de tédio:

O tédio existe em função da vida sob a coação do trabalho e sob a rigorosa divisão do trabalho. Não teria que existir. Sempre que a conduta é verdadeiramente autônoma, determinadas pelas pessoas enquanto seres livres, é difícil que se instale o tédio; tampouco ali onde elas perseguem seu anseio de felicidade, ou onde sua atividade é racional em si mesma, como algo em si de pleno sentido. (ADORNO, 1995, p. 76).

A partir das palavras de Adorno (1995) associa-se a vivência de tédio à ausência de autenticidade. No entanto, para que experiências genuínas ocorram, é necessário haver memória e, neste caso, adentra-se no fator tempo, um elemento profundamente modificado nos dias atuais. A memória está relacionada às experiências subjetivas ao longo da vida que, somadas uma a uma, constituem a experiência de continuidade.

Trata-se, dessa maneira, de mais uma mudança na experiência subjetiva das pessoas: a ruptura com antigas noções de tempo e espaço. O tempo descontínuo e os compromissos sem tantos contornos ganham mais espaço, uma vez que o uso da tecnologia e da informação cresce rapidamente, configurando as interações de forma predominantemente virtual, ao invés da presencial. A tecnologia da informação e a comunicação provocam, nos indivíduos, a sensação de tempo acelerado, instantâneo e simultâneo. A imprevisibilidade torna-se a tônica da experiência temporal, colocando o futuro em segundo plano, e o

presente é o tempo predominante, vivido de forma estendida. (EMMENDOERFER, 2017; OLIVEIRA; CASAGRANDE; GALERANI, 2016).

A fragmentação das experiências, a ausência de tempo para elaboração das mesmas, bem como a oferta e culto à imagem, colocar-nos-ão àquilo que a autora Maria Rita Kehl (2009) intitulou de “indústria do espetáculo”, marcada pela combinação entre uma grande variedade de imagens que se oferecem à identificação e a repetição praticamente idêntica dos enunciados que elas vinculam. (KEHL, 2009). Essas imagens nos absorvem, mas não nos pertencem. Os tempos se misturam, na medida em que o presente avança sobre o passado e o futuro, mas essa superfície envolvida não contém nossas vivências.

Dessa maneira, as imagens em forma de mercadoria, que passam a organizar as condições do laço social; o crescimento do fluxo de informação e a dependência dela tornam-nos passivos e destituídos da função de formadores de mundo e constituidores ativos da realidade. A fluidez da cultura contemporânea, marcada pela instabilidade das relações, pelo empobrecimento dos vínculos afetivos, pela ausência de referências a seguir - uma vez que os valores e ideologias são constantemente consumidos e substituídos - produzem novas formas de subjetivação. No entanto, essa forma de existência tem despertado preocupações, inclusive no campo psicopatológico, por configurar sofrimentos diversos daqueles conhecidos e, dentre eles, estão as patologias do vazio.

O Tédio e as Patologias do Vazio

A crescente exploração desumana do trabalho, por meio do surgimento incessante de novidades tecnológicas, limita a atividade humana em um agir mecânico, que pouco evolui as capacidades físicas e subjetivas. O esvaziamento dos significados das experiências favorece um movimento compulsivo nas pessoas de permanecerem aceleradas no tempo. A subjetividade é reduzida a eventos desconexos

entre si, o que vivemos no passado é diluído no presente por aquilo que temos ou, eventualmente, podemos ter. Convivemos, dessa maneira, com a sensação de desintegração eminente, e aquilo que poderia ser feito de forma genuína e criativa pelas pessoas, perdeu força devido à repetição de experiências como essas. Esses fatores associados à frequente monotonia levam a uma sensação de tédio.

O tédio experienciado reflete a fuga de nós mesmos, e se configura em um sofrimento constante de uma existência sem sentido. A reação compulsiva contra o tédio, na qual busca do “eu” é vaporizada, revela-se como a promessa de nossa continuidade. No entanto, não percebemos que nos tornamos prisioneiros, tanto da sensação de tédio, como do desejo de libertarmos-nos dele.

Bauman (2003) enfatiza a dificuldade dos indivíduos se reconhecerem com identidade, pois esta se torna “esvoaçante” devido à dissipação imediata. A falta de segurança, em todos os aspectos, afeta diretamente os alicerces da solidariedade social, bem como a qualidade dos vínculos. Isso configura uma tendência à fragilidade, ao seguimento da lógica narcísica da onipotência, e a sensação constante de descontinuidade.

Tal cenário colabora para aquilo que denominamos de “patologias do vazio”. A psicanálise apresenta, de forma cada vez mais frequente, publicações de casos que se afastam do modelo clássico das neuroses, sugerindo que estamos caminhando para quadros mais limítrofes, em que a psicose também se faz presente.

Ratto (2014), em seu artigo sobre o vazio e a cultura da imagem, define que há um vazio da imagem e/ou da atividade imaginativa que se torna o que denominamos de “vazio existencial”. Em grandes proporções, a vivência desse vazio transforma-se em sofrimento, acompanhado de ansiedade, impulsividade e forte dependência do olhar do outro. Assim, as patologias do vazio seriam um reflexo do modo de vida contemporâneo,

marcado fortemente pelo prejuízo da atividade imaginativa e simbólica, em que as pessoas vivenciam constantemente essa sensação, sem ter a possibilidade de encontrar formas de expressá-lo.

As patologias do vazio como a indiferenciação do eu e o sentimento de não existência seria aquilo que Aoki (2013) relacionou a peculiaridades da relação vincular. A autora relata que as queixas consistem em ausência de significados, dificuldades para se definir, e auto-estima baixa, atenção constante às pessoas que conseguem desfrutar das possibilidades que para alguns são inexistentes. As formas depressivas se sustentam nas experiências de raiva, solidão, vazio, insuficiência e combinam todos esses elementos em uma disposição de personalidade denominada *borderline*:

Os sentimentos de vazio parecem conter o risco de uma ‘voragem aberta’ sobre a própria identidade e o próprio valor, causando o terror do desnudamento quando ocorre a exposição da pessoa à própria ignorância, fragilidade e dependência. São pacientes que sofrem de contornos precisos comunicando uma indiscriminação do eu, recorrendo a mecanismos defensivos para não experimentarem a depressão. (AOKI, 2013, p. 22).

O movimento frenético de mudança e instabilidade desencontra com aquilo que psicanalistas como Donald Woods Winnicott (1983a) considera como essencial ao desenvolvimento humano. À criança, é necessário um ambiente facilitador e suficientemente bom que permita seu amadurecimento, sentimento de ser vivo e real, bem como garante a saúde. Esse tipo de provisão é possível, em um primeiro momento, por uma mãe identificada com seu filho e inteiramente disponível às necessidades dele. Ao longo da vida, a função de cuidado se estende a todo o contexto do indivíduo, como por exemplo, o pai, avós, professores, médicos, cuidadores, grupos sociais e o Estado.

A impossibilidade de vivenciarmos essa experiência descrita por Winnicott, em uma sociedade como a atual, leva-nos a uma busca desenfreada por objetos que preencham o vazio, configurado muitas vezes pelas saídas precoces das mães para o mercado de trabalho, pela ausência da figura paterna, pela indisponibilidade emocional daqueles que assumem o cuidado das crianças e pela ideia de que tudo é possível, sem interdições. A dificuldade em estabelecer relações de intimidade, as repetidas descontinuidades e a configuração da sociedade trazem, como consequências, a sensação de falta de sentido, pessimismo, e outras formas de defesa em que o tédio está presente.

Caso Clínico

Ao apresentar a vinheta clínica, parte-se do pressuposto de que é necessário levar em conta o contexto para obter melhor compreensão dinâmica da circunstância real do fenômeno. A partir da narrativa, é possível olhar para as formas pelas quais os seres humanos vivem no mundo, configurando-se, dessa forma, como uma ferramenta essencial aos estudos das ciências humanas (FREITAS; JABOUR, 2011; SILVA, 2013).

Para proporcionar uma discussão ampla e fecunda sobre o tédio, elegeu-se uma vinheta clínica de uma paciente que foi acompanhada durante um ano e meio em processo de psicoterapia psicanalítica. É importante ressaltar que, do ponto de vista ético, todos os cuidados para tornar o caso não identificável foram tomados, como a troca de nome, omissão e/ou modificação de dados que permitam a identificação, bem como a responsabilização da autora pela divulgação das informações contidas no relato.

Adotando uma postura dialética, ressalta-se que o trecho apresentado contém elementos tanto da paciente, como da subjetividade do terapeuta, relacionados aos processos do próprio narrador que questiona e busca o saber enquanto escreve.

Jacinta²

Jacinta buscou atendimento psicológico pela primeira vez muito angustiada e chorosa:

- Estou aqui porque fui afastada do meu trabalho por depressão. Não consigo mais lidar com as pessoas, não tenho mais paciência. Antes que acontecesse algo, decidi buscar um psiquiatra, ele receitou medicações e recomendou terapia.

Permaneceu por um pouco mais de uma hora na sessão, declarou várias vezes que necessitava de terapia, no entanto não tinha certeza se conseguiria iniciar naquele momento. Uma semana depois, ligou dizendo que esperaria um pouco mais porque estava sem tempo.

Dois anos depois, ela fez um novo contato telefônico e agendou outra sessão. Ao recebê-la, percebi que ela estava mais magra e com o mesmo semblante angustiado da primeira vez, disse:

- Agora eu quero iniciar a terapia aqui com você. Eu fiz outras terapias nesse tempo, como alternativas e em grupo, mas percebi que os objetivos se esgotaram. Agora eu quero um espaço para mim. Tive uma doença séria recentemente, mas que já me recuperei. Agora eu estou me exercitando todos os dias, correndo, e emagreci bastante.

Senti um tom estranho neste relato, pois foi breve e fiquei com a sensação de que ela queria se desfazer dele, uma vez que alimentava fortemente a ideia de estar curada. Apesar de sorrir bastante enquanto falava, o olhar era bem apático.

O processo terapêutico foi iniciado e Jacinta permaneceu assídua. Chegava pontualmente. Sempre que a recepcionava, ela cumprimentava com uma risada forte, porém contrastante com o decorrer da sessão que, de forma monótona, relatava:

- Fui à academia, corri, fiquei muito feliz porque sinto muita alegria ao correr e satisfação por me superar. Não consegui fazer mais nada, porque

² Nome fictício.

cheguei cansada e dormi muito para recuperar o desgaste físico. Apenas organizei algumas coisas em casa e fiz a minha comida conforme a dieta.

Percebi que raramente ela se encontrava com amigos. As viagens eram minuciosamente programadas e tudo o que dizia respeito a isso, deveria ter uma duração cronometrada. Ela parecia contabilizar cada segundo de sua disponibilidade interna, e se algo mudasse o curso das coisas, incomodava-se profundamente e voltava para casa:

- Combinamos de nos encontrar em uma sorveteria. Eu já tinha avisado que poderia ficar das 14:30 às 16:00 porque tinha que voltar para descansar, mas de lá elas resolveram ir ao shopping. Eu questionei, lembrei que o combinado era outro, elas disseram que não havia problema, mas para mim havia. Combinados são combinados, então decidi ir embora.

Os relacionamentos amorosos tinham curta duração. Cada pessoa que conhecia lhe despertava a ansiedade para a consolidação de um namoro, pois alimentava a expectativa de que alguém lhe proporcionaria felicidade constante e que lhe trouxesse de volta à vida:

- Conheci fulano. Ele é do jeito que eu quero, faz as mesmas coisas que eu, e quer algo sério. Desde quinta-feira estamos nos falando sem parar e compartilhamos, pelas redes sociais, tudo o que estamos fazendo. Eu já falei que quero um relacionamento sério, ele disse o mesmo e vamos ver agora... Quero muito que dê certo porque não quero me decepcionar mais uma vez.

No intervalo de uma ou duas semanas, ela chegava abatida na sessão, dizendo que tudo havia acabado, e quase sempre pelo mesmo motivo: tudo havia acontecido rapidamente e ela não imaginava que o fulano tinha determinado defeito. Assim, ela investia mais energia na rotina de exercícios e corridas, para tentar se libertar da tristeza e da angústia de ser rejeitada. Ela dizia:

- Quero alguém que me faça feliz, viaje comigo e me tire dessa rotina.

Não se dava conta de que a rotina era apenas uma sequência de tarefas cumpridas, e o vazio em que mergulhava quando não estava executando as obrigações lhe assustava, não permitindo que ela encontrasse outras formas de preenchê-lo:

- Nossa, domingo eu não pude treinar porque estava com dor no joelho. Fiquei em casa vendo um filme, mas foi me dando uma sensação ruim, uma angústia... Fiquei conversando com umas pessoas no whatsapp, o tempo passou, mas me assustei. Eu vou melhorar, não quero ficar com essa sensação ruim.

(Chorava copiosamente). Quando possível, tentávamos conversar sobre tais sentimentos, compreender o motivo pelo qual ela se assustava, mas nem sempre era possível e na sessão seguinte faltava. Outro motivo que a angustiava bastante eram as redes sociais: relatava que expunha frases de auto-ajuda e superação. Se obtivesse um número pequeno de interações nas redes, sentia-se rejeitada e chorava bastante.

A impressão que eu tinha era que, na maior parte do tempo, Jacinta tentava se ocupar, principalmente com exercícios, corridas, para se sentir bem. O cansaço e o excesso de tarefas pareciam esconder do vazio e o tédio. Em vários momentos era possível entrar em contato com tais sentimentos, com a monotonia marcada por uma vida mecanizada, e a impossibilidade de sentir-se viva e real. Suas relações eram protegidas pelo mundo virtual que, ao mesmo tempo que proporcionava contato fácil, também era fugaz e revelador da pouca disponibilidade para estar com os outros.

Suportar essas sensações e o tempo que Jacinta necessitava para conectar-se consigo mesma demandou esforço e necessidade de compreensão acerca dessas questões. O fato de ela interromper o processo terapêutico com apenas um ano permitiu perceber o quanto era difícil para ela sustentar uma relação próxima por muito tempo, lidando com todos os elementos que a constituem, e olhar para si mesma nos vínculos que estabelecia. Talvez, o

que era possível naquele momento era transformar encontros (consigo e com as pessoas) em tarefas a cumprir.

A partir do relato de Jacinta, é possível perceber que ela utilizava defesas bem constituídas, mas facilmente detectáveis por meio de seus contrastes: aparente alegria, vida normal e saudável, e momentos de vazio e tédio intensos. Winnicott (1983b), ao discorrer sobre as “Distorções de Ego em termos de verdadeiro e falso *self*”, aponta que há um nível de funcionamento de falso *self* nos indivíduos que representa atitude social “polida e amável”:

Mais para o lado da normalidade: o falso *self* tem como interesse principal a procura de condições que tornem possível ao *self* verdadeiro emergir. Se essas condições não podem ser encontradas, então novas defesas têm de ser reorganizadas contra a expoliação do *self* verdadeiro, e se houver dúvida o resultado clínico pode ser o suicídio. Suicídio neste contexto é a destruição do *self* total para evitar o aniquilamento do *self* verdadeiro. Quando o suicídio é a única defesa que resta contra a traição do *self* verdadeiro, então se torna tarefa do falso *self* organizar o suicídio. (WINNICOTT, 1983b, p. 131).

Essa defesa é constituída a partir do momento em que a mãe, pouco conectada ao seu bebê, não consegue detectar suas reais necessidades, bem como sua autenticidade, e se coloca à frente de tudo isso, restando ao bebê submeter-se. No caso da pessoa socialmente adaptada, podemos dizer que o falso *self* se apresenta de forma submissa, impedindo que a autenticidade surja. Por outro lado, acredita-se que, para essas pessoas, a conquista de um lugar na sociedade não se efetiva, sem o auxílio do mesmo, e, com base em Winnicott (1983b), o tédio, enquanto falso *self*, cumpriria a função de proteger o verdadeiro *self*:

Winnicott (1975a) já atentava para o fato de que o viver criativo não pode ser construído apenas

com produtos do corpo ou da mente. A criatividade, para ele, está relacionada à existência, uma vez que desfrutaríamos da experiência de estar vivo que capacitaria a pessoa para agir no mundo, de modo que o ser precede o fazer. Não tem relação com algum talento especial como a criação nas artes o faz, mas sim com noção da presença daquilo que nos caracteriza como humanos: a impregnação da realidade com nossos gestos espontâneos. Caso contrário, o que existe é uma ação mecânica e desconectada de nós mesmos.

O afastamento de Jacinta do trabalho, revelador de uma exaustão psíquica e emocional, também comunica que o sentido de sua vida se constituía no trabalho e, a partir do momento em que esse foi interrompido, passou a entrar mais em contato com o seu vazio existencial e buscar formas de preenchê-lo imediatamente. Esta condição da paciente vai ao encontro daquilo que foi discutido anteriormente: o viver humano limita as atividades em um agir mecânico, em que as capacidades físicas e subjetivas são profundamente atingidas e o viver criativo comprometido. O esforço constante para fugir da existência sem sentido transforma as horas em dias, em um incômodo maquinismo desprovido de significação. O desgaste físico e emocional em uma rotina tediosa aparece sob uma figura de extremo cansaço, que é preciso enfrentar dia após dia (SVENDSEN, 2006). Assim, o empobrecimento das relações e a pouca disponibilidade a se dedicar ao ócio produtivo se justificava por meio do cansaço após as corridas, de modo que, aos poucos, sua subjetividade e vivências de autenticidade são suprimidas pelo tédio.

Evitar o tédio também se trata do lema central de indústria ao consumidor, por meio das propagandas, cujo medo da estagnação é a reprodução do sistema de turnos do maquinário. Não parar adquire grande importância, e cada um segue com a tentativa de obter lucro com o tempo desperdiçado. A rotina minimamente calculada de Jacinta pode pensada a partir do que Adorno propôs:

O tempo livre exige ser gasto até o fim. Ele é planejado como empreendimento, preenchido com visitas a todos os eventos possíveis ou pelo menos com deslocamentos em velocidade máxima. A vida inteira deve assemelhar-se a profissão e esconder sob tal semelhança aquilo que ainda não está dedicado de modo imediato ao ganho. Fazer coisas e ir a lugares é uma tentativa de aparato sensitivo de criar uma espécie de limiar de proteção contra a ameaçadora coletivização e habituar-se a ela, ao adentrar em si mesmo como membro da massa precisamente nas horas aparentemente deixadas à liberdade. (ADORNO, 2008, p. 135-136).

Em outras palavras, é possível dizer que o tédio, enquanto um tipo de defesa se constituiria como um estado de expectativa suspensa, um sentimento de impaciência difusa, como se a pessoa estivesse à espera de si mesma. De acordo com Phillips (1996), no tédio parece haver duas situações: a primeira é de algo desconhecido que se deseja, e a segunda é de nada para se desejar, acarretando sentimento de paralisia, falta de desejo e significados. Ou seja, ele seria uma forma de proteção que torna suportável a experiência paradoxal de esperar algo sem saber o que, exatamente.

Nesse sentido, concorda-se com o apontamento de Feijoo e Protasio (2010) de que o tédio seria um sinalizador de recusa, tentando manter o mundo como espaço de singularização do ser. O homem absorvido pela técnica, desarticulado de sua historicidade, dificulta a conquista de si próprio. Dessa maneira, a relação com o tempo é modificada, pois a existência não rearticula o passado com o presente e o futuro desaparece.

Pensar no tédio como um sinal de alerta, bem como no movimento de Jacinta de buscar terapia como uma forma, talvez, de tentar lidar com o próprio sofrimento e resgatar um contato consigo mesma, revela a ambivalência que vivemos em um mundo marcado por paradoxos. Foucault (2014)

já se atentava para isso quando elaborou a ideia de estética de existência, que é sustentada em uma forma mais autônoma de liberação. Ela adota o princípio do desenvolvimento pessoal e social por meio da atividade do sujeito de iniciar, em um primeiro momento, o cuidado consigo próprio e, posteriormente, com os outros. No entanto, colocar essa postura em marcha torna-se uma tarefa difícil, pois, nos dias de hoje, somos obrigados a lidar constantemente com os limites impostos e as relações construídas são, inevitavelmente, de poder e de saber.

A vida individual e coletiva se constitui sobre características que determinam tanto a conduta como a forma de pensar das pessoas, resultando em fenômenos como a intolerância, o individualismo, a ambiguidade que embasa a descontinuidade, o pragmatismo da vida cotidiana, que se constitui como um terreno fértil à indiferença afetiva e a imprevisibilidade, na qual é possível reconhecer a ausência de referências, tanto no que diz respeito a si próprio, como ao outro.

Tal complexidade torna-se um desafio ao terapeuta no setting analítico. Seguindo a ideia winnicottiana de proporcionar um ambiente afinado às necessidades da criança para que ela se desenvolva e amadureça, é importante que o terapeuta esteja atento às reais necessidades do paciente, bem como às nuances das defesas utilizadas, tais como as do tédio, por exemplo. Um paciente entediado, desesperançoso, desvitalizado, demanda o desenvolvimento de novas abordagens terapêuticas, sensíveis a este tipo de sofrimento.

O objetivo de estar consonante às reais necessidades desses pacientes é o de apostar no oferecimento de um ambiente que por si mesmo humaniza, porque tudo o que será proporcionado se conectará com o potencial criador deles, fazendo com que eles se sintam vivos, reais e encorajados a enfrentar os desafios cotidianos.

Conclusão

Refletir a respeito do tédio, enquanto consequência de uma sociedade regida por atividades alienantes, é uma tarefa imprescindível. Do ponto de vista da clínica psicológica, trata-se de um exercício de compreender genuinamente o que os pacientes estão querendo nos dizer quando os sentimos entediados. Nesta linha, também se faz necessário reinventar as formas de cuidado diante das nuances desses estados, como por exemplo, proporcionar um ambiente que facilite o contato dele com ele mesmo, renunciar se necessário, formas ortodoxas de atendimento realizando atividades durante o atendimento que façam sentido para ele, recorrer aos enquadres diferenciados, como acompanhamento terapêutico, oficinas e trabalhos em grupo.

Já na perspectiva social, trata-se de reconhecer o empobrecimento de nossas experiências e o vazio no qual mergulhamos quando não estamos apenas cumprindo tarefas e cansados daquilo que não sabemos nomear (KEHL, 2009). Winnicott (1975b), ao discorrer sobre a tradição e a experiência cultural no desenvolvimento humano, adverte-nos sobre as consequências do esmaecimento da história na sociedade contemporânea, que pode levar à constituição de sujeitos “a-históricos”. É importante trabalhar na perspectiva de retomar os elementos que os insiram em sua etnia e cultura, possibilitando-os novas formas de ser e estar no mundo. Ou seja, é necessário criar estratégias que colaborem para mudar a sensação do estranhamento do homem consigo próprio.

Referências

ADORNO, W. T. *Mínima moralia*: reflexões a partir da vida lesada. Tradução de Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008.

_____. *Palavras e sinais*: modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, W. T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução de

Guido de Antônio Almeida. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

AOKI, N. A. O. S. *O temor da mudança na clínica do vazio*. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BAUMAN, Z. *Identity*. Nova York: Polity Press, 2003.

BENITO JUNIOR, E. A angústia e a tecnologia. *Ide*, São Paulo, v. 35, n. 55, p. 133-147, jan. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100011>. Acesso em: 15 dez. 2017.

BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2009.

BONAMIGO, I. S. et al. Pesquisa: intervenção sobre violência em escolas. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 519-527, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v18n3/1413-8557-pee-18-03-0519.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2017.

CABEZA, M. C. Más allá del trabajo: el ocio de los jubilados. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 13-42, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482009000100002&script=sci_abstract>. Acesso em: 15 dez. 2017.

CÉSAR, F. F. Pérolas aos poucos: o relato de uma adolescência congelada. *Desidades*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 10-21, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822015000400002>. Acesso em: 15 dez. 2017.

DUTRA, E. Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 924-937, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300013>. Acesso em: 14 dez. 2017.

EMMENDOERFER, M. L. Temporalidades e implicações do trabalho gerencial no cotidiano. *Pensamento Contemporâneo em Administração*, Niterói, v. 11, n. 1, p. 70-84, 2017. Disponível em: <<http://www.uff.br/var/www/htdocs/pae/index.php/pca/article/view/887/pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

FEIJOO, A. M. L. C. A clínica Daseinsanalítica: considerações preliminares. *Revista Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 30-36, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100006>. Acesso em: 12 dez. 2017.

- FEIJOO, A. M. L. C.; DHEIN, C. F. Uma compreensão fenomenológico-hermenêutica das compulsões na atualidade. *ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, Campos dos Goytacazes - RJ, v. 4, n. 2, p. 173-183, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922014000100013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 12 dez. 2017.
- FEIJOO, A. M. L. C.; PROTASIO, M. M. Os desafios da clínica psicológica: tutela e escolha. *Revista Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 167-172, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200006>. Acesso em: 14 dez. 2017.
- FOUCAULT, M. *Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Tradução de Abner Chiquieri. São Paulo: Forense Universitária, 2014. (Ditos e Escritos, v. 9).
- FREITAS, W. R. S.; JABOUR, C. J. C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. *Estudo & Debate*, Lajeado-RS, v. 18, n. 2, p. 7-22, 2011. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2148238/mod_resource/content/1/Protocolo%20de%20estudo%20de%20caso.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2017.
- FUKUMITSU, K. O. et al. Tédio e trabalho na pós-modernidade. *Revista Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 161-167, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200006>. Acesso em: 13 dez. 2017.
- GURSKI, R.; PEREIRA, M. P. A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 429-440, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642016000300429&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 13 dez. 2017.
- JOSGRILBERG, F. P. A temporalidade a partir da perspectiva existencial. *Revista Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 63-73, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000100005>. Acesso em: 15 dez. 2017.
- KEHL, M. R. *O tempo e o cão*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- MINAYO, M. C. S.; TEIXEIRA, S. M. O.; MARTINS, J. C. O. Tédio enquanto circunstância potencializadora de tentativas de suicídio na velhice. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 21, n. 1, p. 36-45, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2016000100036&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 14 dez. 2017.
- MINERBO, M. Ser e sofrer, hoje. *Ide*, São Paulo, v. 35, n. 55, p. 31-42, 2013.
- OLIVEIRA, J.; CASAGRANDE, N. M.; GALERANI, L. D. J. A evolução tecnológica e sua influência na educação. *Revista Interface Tecnológica*, Taquaritinga, v. 13, n. 1, p. 23-38, 2016. Disponível em: <<http://159.203.166.88/index.php/interfacetecnologica/article/view/123>>. Acesso em: 18 dez. 2017.
- PHILLIPS, A. *Beijo, cócegas e tédio: o inexplorado da vida à luz da psicanálise*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RAMOS, M. B. J. Psicanálise e literatura: noite na taverna. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 29, p. 97-106, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372006000100015>. Acesso em: 14 dez. 2017.
- RATTO, C. G. Enfrentar o vazio na cultura da imagem: entre a clínica e a educação. *Pro-Posições*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 161-179, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072014000100009&script=sci_abstract>. Acesso em: 15 dez. 2017.
- SILVA, D. Q. A pesquisa em psicanálise: o método de construção do caso psicanalítico. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 39, p. 37-45, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000100004>. Acesso em: 15 dez. 2017.
- SVENDSEN, L. *Filosofia do tédio*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.
- WINNICOTT, D. W. A criatividade e suas origens. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975a. p. 95-120.
- _____. A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983a. p. 55-61.
- _____. A localização da experiência cultural. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975b. p. 133-144.
- _____. Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro self. In: _____. *Os ambientes e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983b. p. 128-139.

Recebido em: 10 dez. 2017

Aceito em: 06 jan. 2018

